

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Versão online

Jornal
20.Maio.2017
Artigo
Exposição Individual
<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuals/beatriz-milhazes-abre-mostra-de-esculturas-ganha-em-junho-livro-da-taschen-121368236>

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

O Globo
Segundo Caderno
Nelson Gobbi
COD.BM.0002.2017

SEGUNDO CADERNO

SAB/DO 20.5.2017
oglobo.com.br

O GLOBO

PROSA

Escrita em novos ares

Em novo livro de memórias, americano Anthony Diver relata sua residência literária em Forna

PÁGINA 6

NELSON GOBBI
segundocaderno@oglobo.com.br

Os arabescos, flores, círculos e mandalas característicos da obra de Beatriz Milhazes deixam o plano das telas e ganham tridimensionalidade em suas esculturas, expostas pela primeira vez no Rio na mostra "Mardi, marola e marilola", com abertura para convidados hoje e para o público no dia 23, na Carpintaria. Perduradas no centro da espaço expositivo da galeria do Jardim Botânico, as obras estão cercadas por quatro telas de Beatriz, em um diálogo que a artista considera importante para que o público compreenda a gênese dos trabalhos e como eles representam um desdobramento de sua produção anterior.

Sua primeira experimentação com uma obra em três dimensões data de 2004, quando criou uma estrutura em forma de lustre para o cenário do espetáculo de dança "Tempo de verão", de sua irmã, a coreógrafa Marcia Milhazes. Ali, a pintora diz ter despertado para as possibilidades de trabalhar suas estruturas geométricas e abstratas fora do plano da tela.

— Na época, o Dan Cameron, que era curador do New Museum (em Nova York), queria exibir a obra, mas não me animei porque foi criada como cenário. Depois desenvolvi a "Gambôa", que considero um conceito *instaltivo* mas não uma escultura, porque não trabalha com o volume e o espaço físico — explica Beatriz, sobre o trabalho exposto em sua última mostra no Rio, a retrospectiva montada no Paço Imperial, em 2013. — A partir desta experiência, fiz a "Marola", entre 2010 e 2014, e as outras vieram na sequência.

NOVO PENSAMENTO
Pintora por definição, Beatriz tenta se acostumar a pensar de forma tridimensional. Mas diz que o intercâmbio entre suportes já começa a influenciar a produção pictórica.

— É um novo começo na minha carreira, ainda não consigo raciocinar o 3D pelo 3D. Mas já visualizo os círculos que pintava nos quadros como esferas, ganhando esta fisicalidade no mundo real. Mesmo não tendo volume, minhas telas já traziam uma sobreposição de imagens que indicava uma profundidade possível no espaço plano. Ver as imagens ganhando

corpo ajuda a pensar a disposição dos elementos na pintura — comenta a pintora, que pensa em dar sequência às obras escultóricas. — Pode ser um caminho futuro. Gosto muito da possibilidade de penetrar nas obras, apesar de estas esculturas não serem interativas. A sonoridade dos materiais também me anima muito.

As esculturas, que chegam ao Rio após serem exibidas em Nova York e Paris, devem fazer parte da mostra que Beatriz prepara para a White Cube de Londres, no ano que vem, com obras de grandes dimensões. Em paralelo, a artista retorna as

pinturas em suportes menores.

— As minhas obras ganharam uma escala muito grande, para a exposição de Londres estou preparando trabalhos de até 15 metros. Quis retomar as telas menores pelo prazer de trabalhar numa dimensão que cabe no meu atelier, ao mesmo tempo em que ter menos espaço para trabalhar me desafia. É mais difícil encontrar soluções para uma tela pequena — observa.

Antes da exposição em Londres, Beatriz estará em destaque na Art Basel, na Suíça, em junho. A Taschen, principal editora de arte da

Europa, vai aproveitar a maior feira arte do mundo para lançar um livro com a obra da pintora, em edição multilíngue (inglês, francês, alemão e português). A publicação faz parte da série sobre grandes pintores contemporâneos, que inclui um grupo seleto como o americano Jeff Koons, o alemão Neo Rauch, o chinês Ai Weiwei e o britânico David Hockney. Para o editor alemão Hans Werner Holzwarth, responsável pelo livro da brasileira, Beatriz é uma das mais importantes pintoras contemporâneas, com uma abordagem única da arte abstrata.

— Conheço Beatriz há 15 anos, desde sua primeira mostra em Berlim. Ela faz arte abstrata, mas ao mesmo tempo muito enraizada na cultura brasileira. Talvez essa seja a sua influência: a forma como ela vincula a pintura abstrata com seu mundo, combinando global e local — destaca o editor da Taschen.

Em Basel, o livro será lançado em formato de luxo com tiragem limitada e edições assinadas de próprio punho pela artista. O projeto levou sete anos para ser concluído, e reúne a produção da pintora dos anos 80 até 2016.

Várias obras tiveram de ser re fotografadas, principalmente a produção inicial, muito desse material não tinha qualidade para impressão. Quando começamos, não existia essa ideia do registro, era uma realidade muito distante da que eles conhecem na Europa e nos Estados Unidos — diz Beatriz.

LONGE DOS ANOS 80
A realidade dos anos iniciais, quando foi revelada junto aos artistas da chamada Geração 80, hoje também está distante da carreira da pintora, que se tornou a artista brasileira viva mais valorizada com a venda da tela "Meu limão" em 2012, arrematada por US\$ 2,1 milhões em um leilão na Sotheby's.

— Claro que manter este patamar ajuda a projetar a minha obra, mas não é algo que tenha uma influência direta na minha vida. Quando comecei minha carreira internacional, nos anos 90, as mudanças foram bem maiores — recorda. — O mais importante é manter o foco no trabalho, ainda mais em uma época tão efêmera. Muita gente poderia ir além dos 15 minutos de consagração se a obra tivesse um tempo maior de maturação. Muitas ideias boas se perdem assim. ●



RUMO AO ESPAÇO

Consagrada como uma das maiores pintoras de sua geração, Beatriz Milhazes abre mostra de esculturas e ganha, em junho, livro da Taschen com toda a sua obra



VEJA VÍDEO COM BEATRIZ MILHAZES
Artista fala sobre suas novas obras
oglobo.com.br/cultura

Beatriz quadro a quadro

Dos anos 1980 às esculturas, cinco momentos da carreira da pintora



1984. Beatriz Milhazes é revelada na icônica exposição "Como vai você, Geração 80", no Parque Lage.



2003. A pintora participa da exposição da 50ª Bienal de Veneza, com curadoria de Francesco Bonami.



2012. A tela "Meu limão" é vendida na Sotheby's por US\$ 2,1 milhões, valor recorde para um artista brasileiro vivo.



2013. Sua última grande mostra no Rio, a panorâmica "Meu bem", no Paço Imperial, reúne 60 obras.



2017. Pintora expõe suas esculturas pela primeira vez no Rio, no mesmo ano em que ganha livro da Taschen.